

Yvette Centeno

A leitura infinita



PALAVRA DE POESIA

António Carlos Cortez

❑ Foi Kate Hamburger quem, em *A Lógica da Criação Literária* (ed. Perspetiva, SP, 1975, p.247), citando Ernest Cassirer e o seu clássico estudo *Filosofia das Formas Simbólicas*, melhor viu que é na linguagem, no pensamento mítico e especialmente no símbolo – o que tem um conteúdo ideal próprio e por isso uma realidade que, em si mesma, existe porque significa idealmente – que certas realizações humanas adquirem uma realidade que não se pode desvincular daquilo mesmo que significa. Por isso ela é significativa e o que o artista faz no processo de criação é atribuir, nesse processo, não já ao significado (fim do processo), mas ao significante (o processo no seu fazer), uma determinada forma à luz de um conceito. Quando a partir de um conceito, de uma conceção, se projeta um objeto de arte, esse objeto adquire *de per se* um estatuto simbólico (ao menos para o criador) que resulta do facto de toda a realização artística ser, antes de mais, projeção.

Yvette Centeno, a mais autorizada investigadora na área da simbologia em Portugal, mas poeta com obra extensa, publicando desde 1961 (*Opus 1*, o título de estreia), não pode ler-se sem que, quem da sua obra se aproxima, desconheça alguns dos seus ensaios sobre esoterismo e literatura (*Literatura e Alquimia*, desde logo), porque a sua poesia, na verdade, é um prolongamento da profunda reflexão sobre a existência humana e o enigma dessa existência.

O seu livro mais recente, simplesmente intitulado *dizer*, é um belíssimo testemunho da autora de *Entre Silêncios*, sua obra reunida, editada em 2019, e, numa linguagem simples, depurada, de versos curtos, aprofunda temas caros à sua poética: as relações entre o mundo e a linguagem (título da 1ª secção: “Dizer (o mundo existe)”); “2. Pedro Chorão” e, terceira secção, “Agora”), a observação do real concreto, a partir do qual se retiram lições ou exemplos de vida, meditações diversas, sem esque-

cer o gesto de homenagem, em que a própria poesia se constitui, especialmente visível na segunda secção.

É o aspeto simbólico, subtilmente trabalhado, o que, num primeiro lance, torna a leitura de *dizer* um ato de enorme prazer. Prazer porque estes poemas implicam o leitor numa dimensão silenciosa em que melhor se abarca a dicção deles: “Um dia/ também eu saírei porta fora/ caminharei nas ruas/ ausentes de sentido/ atravessando esplanadas/ e jardins/ bairros que não conheço/ irei em frente/ sem parar nas lojas elegantes/ da Avenida principal/ que pouca Liberdade tem/ irei assim/ perdida e sem destino/ descendo à beira-rio/ quando me virem na água/ darão então por mim” (p.13).

Poema inicial, aqui se coloca a cena da escrita do lado de uma funda significação: trata-se de ter consciência da finitude, marcada pelos verbos no futuro, em jeito de despedida, ou de crença na entrada num universo cósmico, aqui



Yvette Centeno “Poemas implicam o leitor numa dimensão silenciosa em que melhor se abarca a dicção deles”

simbolizado pela água, elemento feminino, vital, apontando a uma hipótese de eternização pela conjugação do humano com o elemental. São poemas que causam prazer porque seguem a lição de Caeiro, de que há texto evocativo – uma lição que tem como justificação essa “aprendizagem de desaprender”: “Vivemos entre dois mundos./ Um a que chamamos real, objetivo, quotidiano, normal. Mas que não é nada disso, é tão ilusório, esse mundo real, como qualquer outro que possamos fantasiar. São palavras, essas que repetimos e não chegam a convencer: o que é ser real, o que é ser objetivo, o que é ser normal? Onde está ela, essa normalidade, que não encontro em

ninguém? Nem em mim nem nos outros, nem sequer no espaço sideral? Para cada outro há uma palavra que se diz objetiva, real, com o ar mais natural.../ A cada um seu real, e assim cai por terra a ilusão que eu tinha de um dos mundos [...]” (p.61). Mundos dentro de mundos, ou o mundo – o da poesia – inscrito no mundo, afinal nada real e nada concreto, este em que vivemos, e que se traduz, no objeto que se diz poema, em moldes de outra realidade. Dessa realidade outra vem Yvette mostrar-nos o “fio do pensamento”. O poema é “humilde”, o que ele pede “é tão pouco”, seja sentimento, emoção ou ideia, mas é essa pobreza que acaba por fazer esplender esta

escrita preocupada com a arte (os poemas a Pedro Chorão disso dão prova), mas sobretudo com certa alquimia. A vida, e a escrita – a vida dita nos versos, gravada para um para sempre efémero – é definida assim: “De que fala quando escreve?/ – De poetas e pintores/ das alquimias secretas/ dos seus versos/ suas cores” (p.84).

Dizer é um belíssimo livro porque há nele também o gesto da dedicatória (a João Cutileiro, lendo Heidegger, ou lembrando Prévert, dialogando com Sérgio Nazar David; e há mesmo, evocando Rimbaud e a sua alquímica lição das vogais, um poema que recorda o poder simbólico das letras A, E, I, O, U – “golfos de sombra”, “ciclos divinos/ de mares esmeraldinos que só alquimistas contemplam”), traçando um percurso – que é o percurso do livro – que impõe o ato de dizer a vida e dizer a poesia seja com alguma ironia, alguma bonomia. Mas, em suma, sempre com essa certeza de que estar vivo é um milagre a ser desfrutado sem excessos. **JL**



> **Yvette Centeno**

DIZER

Eufeme poesia, 110 pp., 9 euros

te, ou a memorização de conceitos através do seu uso corriqueiro, é bom recordar a essência do “Grande Irmão” ou da “Polícia do Pensamento” (sobretudo esta última). Estão connosco, tanto em corpo como em espírito, e temos de os saber ver, para lhes podermos resistir. Se quisermos. **JL**



> **Argumento e desenhos de Fido Nesti, adaptando a obra homónima de George Orwell**
1984

Alfaguara Portugal. 224 pp., 21,90 euros

> **Argumento e desenhos de Odyr, adaptando a obra homónima de George Orwell**
A QUINTA DOS ANIMAIS

Relógio d'Água. 174 pp., 18 euros